

Periódico: O Povo		Data: 28/03/2019	
		Publicação: 26/03/2019	
Referência da Matéria: Ex-beneficiário do Bolsa Família, cearense será embaixador do Nordeste em conferência em Harvard		x	Com foto
			Sem foto
Caderno/Página/Coluna https://www.opovo.com.br/noticias/ceara/2019/03/26/estudante-cearense-e-escolhido-para-ser-embaixador-do-nordeste-na-brazil-conference-at-harvard---mit.html	Enfoque		Natureza
	x	Positivo	X Espontânea
		Negativo	Provocada
	Neutro		
		Tipo:	
		x	Matéria
			Artigo
			Outro
			Nota
			Classificados

Ex-beneficiário do Bolsa Família, cearense será embaixador do Nordeste em conferência em Harvard

Francisco Cavalcante de Sousa, de 20 anos, é estudante de Direito e será o primeiro cearense a representar o País no programa. A mãe dele é funcionária da limpeza de uma escola em Jaguaribara
18:43 | 26/03/2019



Aluno de Direito da UERN será um dos embaixadores do Nordeste da Brazil Conference at Harvard & MIT. UERN Divulgação (Foto: UERN Divulgação)

O estudante universitário Francisco Cavalcante de Sousa, de 20 anos, será o primeiro cearense a representar o Nordeste no programa de embaixadores da Brazil at Harvard & MIT, em Boston, nos Estados Unidos. O estudante é o filho caçula de seis irmãos, e o primeiro a conseguir ingressar em uma universidade.

Natural do município de Jaguaribara, distante 218 km de Fortaleza, o universitário se divide entre a cidade de Mossoró (RN) onde estuda durante a semana e sua cidade de origem, onde atua nos fins de semana como voluntário em programas sociais e administra uma página de notícias sobre fatos em Jaguaribara.

Estudante do segundo semestre do curso de Direito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Francisco contou ao O POVO Online sobre as suas expectativas. "Com dedicação e muita força nós podemos conquistar o que queremos. E eu quero ser um símbolo de que o protagonismo juvenil pode transgredir fronteiras e transformar o ambiente onde vivemos, mesmo morando no interior nordestino, onde a aplicação de políticas públicas muitas vezes são secundárias", explica.

Francisco também falou sobre a motivação para os estados na realidade em que vivia com a família, no Interior do Estado. "Na minha família, ninguém nem sequer terminou o Ensino Fundamental. Inclusive, minha mãe é funcionária de uma escola, trabalha na limpeza. E eu, lá em casa, fui o único que decidi que queria mudar, não queria ser como os meus irmãos (que estão desempregados). Eu disse: eu posso mudar o meu País", contou.

Os embaixadores

O programa conta com dez jovens brasileiros, selecionados a partir de projetos que desenvolvem em cada estado. Durante a conferência, os estudantes discutirão o presente e o futuro do País e do mundo.

Francisco foi selecionado após apresentar seus projetos sociais que foram desenvolvidos durante sua vida

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



escolar. Um deles tratava sobre o programa Bolsa Família como política educacional. Ele lançou olhar sobre a questão política, educacional e social ao programa do qual foi beneficiário.

Francisco estudou durante o Ensino Médio no curso de Eletromecânica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) e participou do concurso que lhe rendeu o prêmio de primeiro lugar no maior evento científico do Ceará e o 4º no Programa Parlamento Jovem Brasileiro, da Câmara dos Deputados.

Brazil Conference at Harvard & MIT

Os dez estudantes selecionados irão à Boston para participar da Brazil Conference at Harvard & MIT, e se tornarem multiplicadores em suas regiões. O embarque será no próximo dia 2 de abril com retorno no dia dez.

Após participarem do programa, os estudantes serão responsáveis em organizar seus próprios centros regionais, com a criação de eventos para propagar o conteúdo que será discutido durante a conferência.

Confira a lista dos embaixadores de 2019

Norte

Carlla Martins - Estudante de Engenharia da Computação na Universidade Federal do Amazonas (UFAM).
Jackson Viana - É estudante e fundou a Academia Juvenil Acreana de Letras (AJAL), instituição de cultura voltada a jovens escritores do Acre, da qual é o presidente.

Nordeste

Aniele Berenguer - Estudante de psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Francisco Cavalcante - Estudante de direito da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

CENTRO-OESTE

Eros Frederico - Ex-aluno do IFMS-CB e atualmente é acadêmico de Direito da UFMS em Corumbá/MS.
Marina Martinho já atuou em diversos projetos sociais e voluntariados, dentre eles como embaixadora e mentora do Movimento Choice.

SUDESTE

Daniel Heringer é ex-aluno do Coluni - UFV e atualmente é estudante de medicina da USP de Ribeirão Preto
Mariana Zanholo cursou Ensino Médio Técnico. Atualmente é bolsista do Insper, onde estuda Administração.

SUL

Lucas Gremaschi, nascido e criado no interior do Paraná, é estudante do quinto ano de Medicina na Universidade Estadual de Maringá (UEM).

Natália Cecília é alagoana, atualmente cursa Relações Internacionais na UFSC.

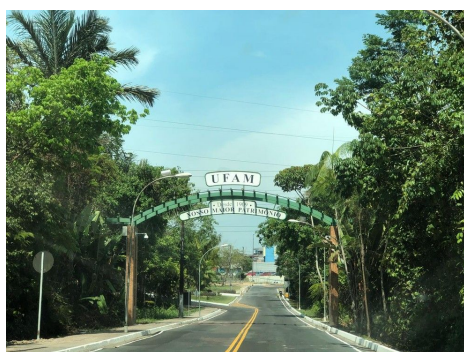
Conheça mais sobre os dez embaixadores no [site](#).

Periódico: G1AM		Data: 28/03/2019	
		Publicação: 27/03/2019	
Referência da Matéria: Justiça determina que Ufam devolva valor pago em processos de revalidação de diploma estrangeiro		X	Com foto
			Sem foto
Caderno/Página/Coluna https://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2019/03/27/justica-determina-que-ufam-devolva-valor-pago-em-processos-de-revalidacao-de-diploma-estrangeiro.ghtml	Enfoque	Natureza	Tipo:
	<input type="checkbox"/> Positivo	x Espontânea	x Matéria
	<input type="checkbox"/> Negativo	<input type="checkbox"/> Provocada	<input type="checkbox"/> Artigo
<input checked="" type="checkbox"/> Neutro		<input type="checkbox"/> Outro	Nota
			Classificados

Justiça determina que Ufam devolva valor pago em processos de revalidação de diploma estrangeiro

TRF1 considerou desproporcional o valor de R\$ 5 mil cobrado pela Ufam na época em que a ação ajuizada, em 2007.

Por G1 AM



Sede da Ufam em Manaus — Foto: Andrezza Lifschitz/G1 M

Uma decisão da Justiça Federal divulgada na terça-feira (26) determina que a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) devolva parte dos valores pagos por candidatos que revalidaram diplomas estrangeiros junto à instituição. A determinação é referente a uma ação ajuizada em 2007 e que considerou desproporcional o valor de R\$ 5 mil cobrado pela universidade à época.

Em nota, a Ufam informou ao G1 que, de acordo com informações repassadas pelo pró-reitor de Ensino de Graduação da instituição, David Lopes, a Universidade ainda não recebeu notificação sobre a menção, e que não irá se pronunciar até que isso aconteça.

Para definir a devolução, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) levou em conta a dificuldade de apurar o custo efetivo do serviço no período em que a ação foi encaminhada à Justiça. Com isso, o Tribunal considerou como referência o valor de R\$ 600 cobrado atualmente e determinou que os candidatos que pagaram um valor superior à instituição devem ser ressarcidos.

Os profissionais devem receber R\$ 4,4 mil corrigidos monetariamente, independente de terem obtido ou não a revalidação. Para isso, cada um precisa apresentar um requerimento administrativo à Ufam solicitando a devolução.

Após a determinação, o Ministério Público Federal no Amazonas (MPF-AM), que ajuizou a ação, pediu à Justiça que a Universidade seja intimada a apresentar uma lista de todas as pessoas que pagaram o valor de R\$ 5 mil para revalidar o diploma.

Desse modo, a ação civil pública, que já havia recebido decisão contrária anteriormente, voltou a tramitar na 1ª Vara Federal no Amazonas após o julgamento do recurso pelo TRF1.

Revalidação

A revalidação do diploma médico é obrigatória para que profissionais estrangeiros exerçam a profissão no Brasil. Até 2010, o exame para a revalidação era aplicado por universidades federais de forma independente, cada instituição com seu próprio modo de avaliação, definição de vagas e custos.

Em 2011, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) passou a aplicar o Exame Nacional de Revalidação de Diplomas Médicos Expedidos por Instituições de Educação Superior Estrangeira (Revalida). Com isso, coube às instituições que aderem ao programa a efetivação da revalidação dos diplomas.

O Revalida abrange cinco áreas de exercício profissional: Cirurgia, Medicina de Família e Comunidade, Pediatria, Ginecologia-Obstetrícia e Clínica Médica.

Periódico: Amazonas Atual		Data: 28/03/2019					
		Publicação: 27/03/2019					
Referência da Matéria: Eslavos na Amazônia		X	Com foto	Sem foto			
Caderno/Página/Coluna https://amazonasatual.com.br/eslavos-na-amazonia/	Enfoque		Natureza		Tipo:		
		Positivo	X	Espontânea		Matéria	Nota
		Negativo		Provocada	X	Artigo	Classificados
	X	Neutro				Outro	

Eslavos na Amazônia



Márcia Oliveira*

Em fevereiro de 2017 foi apresentada, aprovada e indicada para publicação da Tese de Doutorado intitulada *Entre as águas da Amazônia: a migração dos eslavos na região do Alto Solimões* de autoria da professora doutora Jania Maria de Paula no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Sob a orientação do Professor Doutor Antonio Carlos Witkoski, a tese representa uma importante contribuição para os estudos migratórios na Amazônia.

Trata-se de um objeto de estudo muito complexo uma vez que lida com múltiplas trajetórias migratórias dos migrantes eslavos na Amazônia. É um estudo denso não só pela imensa quantidade de informações e aprofundamentos apresentados pela autora, mas, principalmente, pela densidade de conteúdo que mistura a própria condição migratória da autora que descreve a migração eslava com uma propriedade e uma profundidade de grande relevância para os estudos migratórios. Além disso, é um estudo inédito na Amazônia.

No uso da sua formação na área da geografia, a autora apresenta os processos de desterritorialização e reterritorialização dos eslavos num traçado preciso das suas mais diversas trajetórias migratórias em mais de um século de travessias. A autora trabalha com as memórias dos migrantes utilizando-se de uma metodologia pautada nas narrativas que conseguem remontar as rotas da migração que passou por “navios, carroções e paus-de-arara” numa interminável saga de um grupo de migrantes que atravessou o Atlântico e continuou cruzando as fronteiras internas de sul a norte do Brasil em busca de terra e melhores condições de vida.

As pesquisas destacam os processos a fixação dos imigrantes eslavos no Paraná enfatizando o Sul como lugar de reminiscências a partir das memórias narradas e dos processos de desreterritorialização. Num segundo processo migratório as famílias eslavas rumam para a Amazônia decretada na década de 1970 como “mito do vazio demográfico. Desta forma, os migrantes eslavos percorrem mais uma etapa migratória e passam a somar com os processos contínuos de ocupação da região passando por uma dinâmica de (re)construção da territorialidade na Zona da Mata Rondoniense, oferecendo uma ampla abordagem dos processos históricos dos diversos fluxos migratórios na Amazônia.

A autora também enfatiza as estratégias de reconstrução da identidade migratória, a com a manutenção da língua, mesmo passados mais de cem anos da saída do território eslavo. Identifica que ainda existe na zona da mata rondoniense em novos processos de construção da identidade eslava longe do país de origem. A autora identifica que uma reclamação constante dos migrantes nesta

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



pesquisa é “ausência da Igreja Eslava e as transformações da identidade étnica” relacionadas com fragilidade das práticas religiosas mediadas pela instituição.

Pautada em extensa pesquisa de campo, aponta as lacunas do atendimento religioso aos migrantes de culto eslavo e, ao mesmo tempo, os limites enfrentados pela Igreja Católica da região da Zona da Mata Rondoniense no sentido de diálogo inter-religioso e respeito pelas especificidades do culto eslavo mantidos pela Igreja Ucrâniana no Brasil, onde as “expressões de fé foram construídas associadas diretamente a noção de etnicidade junto aos descendentes de imigrantes eslavos, observados, de maneira especial, “no interior das comunidades étnicas formadas no sul do país”.

As diversas estratégias de luta pela terra são apresentadas no decorrer do estudo. A questão agrária é colocada na pauta das migrações e se converte numa “condição de manutenção do modo de vida camponês” daqueles migrantes que passaram por experiências anteriores de processos contínuos de “expropriação da terra, migração e colonização”.

Na Zona da Mata Rondoniense os migrantes se deparam com a “Política de Colonização do INCRA”, num contexto de intensos conflitos socioambientais resultantes dos processos neocolonizatórios impostos à região de forma arbitrária durante o governo da ditadura militar. Nesta conjuntura vai sendo gestado o “camponato na Zona da Mata Rondoniense” movido pelo “sonho da terra”. É neste contexto que a autora apresenta “o camponês descendente de eslavo” caracterizado por “resistências e adaptações”.

A autora apresenta um recorte teórico muito especial no final deste capítulo para tratar a condição das mulheres migrantes com destaque para a “camponesa descendente de eslava”, tecendo uma análise profunda na perspectiva dos estudos de gênero e do feminismo. Identifica o lugar das mulheres no camponato e confere-lhes importante protagonismo étnico-cultural reconhecendo seu papel fundamental na “organização da propriedade rural” nos processos de produção vinculados à agricultura familiar e à agroecologia, a organização social e política das redes, dos sindicatos e das associações camponesas.

Estas e muitas outras abordagens encontram-se no prelo para publicação imediata. Enquanto o livro não chega às livrarias, a tese encontra-se à disposição para leitura na [biblioteca digital da Ufam](#). Sua leitura contribui para ampliar o conhecimento da realidade migratória da [Amazônia](#) e, de maneira especial, da Zona da Mata Rondoniense. Asseguro que a publicação deste livro nos oferece uma leitura repleta de descobertas, inquietações e estímulos para futuras pesquisas e discussões.

*Marcia Oliveira é doutora em Sociedade e Cultura na [Amazônia](#) (UFAM), com pós-doutorado em Sociedade e Fronteiras (UFRR); mestre em Sociedade e Cultura na [Amazônia](#), mestre em Gênero, Identidade e Cidadania (Universidad de Huelva - Espanha); Cientista Social, Licenciada em Sociologia (UFAM); pesquisadora do Grupo de Estudos Migratórios da [Amazônia](#) (UFAM); Pesquisadora do Grupo de Estudo Interdisciplinar sobre Fronteiras: Processos Sociais e Simbólicos (UFRR); Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR); pesquisadora do Observatório das Migrações em Rondônia (OBMIRO/UNIR). Assessora da Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM/CNBB e da Cáritas Brasileira.

Periódico: Amazonas Atual		Data: 28/03/2019	
		Publicação: 27/03/2019	
Referência da Matéria: Cientistas na Amazônia		X	Com foto
			Sem foto
Caderno/Página/Coluna https://amazonasatual.com.br/cientistas-na-amazonia/	Enfoque		Natureza
		Positivo	X Espontânea
		Negativo	Provocada
	x	Neutro	
		Tipo:	
		x	Matéria
			Artigo
			Outro
			Nota
			Classificados

Cientistas na Amazônia



A Amazônia, palco de muitas cobiças e disputas desde a chegada dos europeus, atraiu para si muitos olhares, inclusive os dos operadores da ciência. Diversos cientistas passaram por aqui. O primeiro deles, vindo de Quito em 1743, Charles Marie de La Condamine, repetiu praticamente o percurso realizado pelo espanhol Francisco Orellana e fez estudos sobre os povos nativos, a fauna e a flora amazônica.

Registrou também o uso da seringa entre os índios nativos da Amazônia. Depois dele vieram outros. O baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, formado em Coimbra no curso jurídico e no de filosofia natural, comandou uma expedição científica à região, que partiu de Portugal em 1783 e perdurou até 1792. Decaídas as rendas da metrópole na colônia brasileira, em razão do exaurimento das jazidas de ouro, sobretudo em Minas Gerais, a coroa portuguesa voltou-se para conhecer melhor o Centro-Norte da colônia.

Alexandre Rodrigues chegou ao Pará no ano inicial da expedição, 1783, e, no Amazonas, permaneceu entre os anos de 1784 a 1788, tendo coletado abundante material sobre a Amazônia e seus povos nativos para compor o Real Museu da Lisboa. Descreveu elementos naturais, aspectos culturais e avaliou a situação urbana, demográfica e econômica por onde passou. Fez ainda observações filosóficas e políticas.

Parcela do expressivo material reunido por Alexandre acabou sendo tomado pelas tropas de Napoleão, quando da invasão de Portugal pela França. Grande parte do trabalho do naturalista francês Geofrey Saint-Hilaire deve-se à usurpação do acervo original de Alexandre Rodrigues Ferreira.

Atualmente, parte do material etnográfico da expedição de Alexandre Ferreira encontra-se no Museu de Antropologia da Universidade de Coimbra. Em 1997, em parceria com a Universidade Federal do Amazonas e outras instituições, realizou-se, em Manaus, uma exposição sobre esse acervo, intitulada *Tudo o que se fez em*

Entre 1790 e 1900, outros cientistas continuaram a vir. Foi o caso de Charles Waterton, que chegou ao alto Rio Branco, e Johann Natterer que conviveu com índios do alto rio Negro. Os alemães von Spix e von Martius viajaram pelo Solimões, inclusive tendo feito registro sobre os últimos membros da tribo manau. O conde, fotógrafo e etnógrafo italiano Ermanno Stradelli realizou expedições à Amazônia, tendo recolhido relatos de mitos de povos indígenas, a exemplo do uananas. O francês Francis Louis Laporte conheceu as guianas inglesa, francesa e holandesa. O norte-americano William Edwards descreveu índios aculturados no rio Solimões. Os ingleses Alfred Russel Wallace e Henry Walter Bates percorreram o Amazonas até Manaus, de onde seguiram em direções contrárias. O suíço

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Jean Louis R. Agassiz, acompanhado da esposa, Elisabeth Cary, percorreu a bacia amazônica, dedicando-se à ictiologia e a classificação de espécies, e outras coisas. Da expedição do médico e geógrafo americano, Alexander Hamilton Rice Jr., resultou significativo material para estudo da região, além de registro de imagens por meio de fotografia e de filme. O alemão Fredrich Wilhelm H. Alexander, barão von Humbolt, ao percorrer parte do conjunto de florestal da planície nomeou-a de Hiléia Amazônica.

Esses e outros cientistas, viajantes e exploradores, em diferentes épocas, percorreram a região, navegando seus rios e adentrando suas florestas, descrevendo aspectos e elementos de sua paisagem natural e sociocultural.

Desde o contato dos europeus com o “novo mundo”, a Amazônia recebeu e continua a receber assiduamente a presença de estrangeiros e nacionais interessados em conhecer, pesquisar e explorar a região.

Muitos vieram, muitos cientistas continuam a vir a Amazônia. Cada qual com distintos propósitos de investigação. Alguns contribuem relevantemente para desenvolver estudos e o conhecimento sobre a região amazônica e seus povos. Outros nem sempre estão dispostos a medir as consequências de suas intervenções científicas na busca pelo patrimônio genético, saberes e conhecimentos tradicionais amazônicos. Determinados procedimentos e ingerências científicas resultam por vezes na instrumentalização da ciência pela logospirataria ou na adesão da mesma ao modelo do fazer científico logospirata, que impacta nocivamente o território, a biodiversidade e a diversidade sociocultural amazônica.

Uma das formas atuais de manifestação desse processo logospirata dá-se via apropriação privada de patrimônio genético e conhecimentos tradicionais por intermédio do registro de patentes. Muitas plantas e substâncias, extraídas de animais ou de vegetais do acervo genético das florestas tropicais da Amazônia, converteram-se em produtos, altamente demandados e lucrativos no mercado internacional, protegidos pelo sistema de propriedade intelectual em vigor por meio do registro de patentes, sem observar as regras do direito de acesso ao patrimônio genético nem resguardar os direitos de compensação dos povos provedores de conhecimento tradicional. É expressivo o número de patentes sobre produtos de plantas e substâncias oriundas da Amazônia, conforme os dados da Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), em nome de laboratórios, empresas e instituições de outros países. Se ainda não fomos eficazes para obter sustentável proveito da biodiversidade amazônica, existem aqueles que não hesitam nem se importam com as consequências para obtê-lo, custe o que custar, inclusive empregando o instrumental da ciência.

Patentes sobre produtos das plantas amazônicas requeridas em diversos países desenvolvidos:

Produto	Número de Patentes	Países
Castanha-do-Pará	72	USA
Andiroba	2	França, Japão, EU, USA

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Ayahuasca	1	USA (1999-2001)
Copaíba	3	França, USA, WIPO
Cunaniol	2	EU, USA
Cupuaçu	6	Japão, Inglaterra, EU
Curare	9	Inglaterra, USA
Espinheira Santa	2	Japão, EU
Jaborandi	20	Inglaterra, USA, Canadá, Irlanda, WIPO, Itália, Bulgária, Rússia, Coréia do Sul
Amapá-doce	3	Japão

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Piquiá	1	Japão
Jambu	4	USA, Inglaterra, Japão, EU
Sangue de dragão	7	USA, WIPO
Tipir	3	Inglaterra
Unha de gato	6	USA, Polônia
Vacina de sapo	10	WIPO, USA, EU, Japão

Ø[} c k [cãY [!|ãÁ c |^&c çÁ! [] ^!c Á!* ç ã çã } ÁY ÓUDÁ

Há, portanto, uma variada gama de agentes, interesses, concepções e práticas de investigação, de intervenção e de exploração operadas por cientistas na Amazônia. Todos eles com aval da ciência para usufruir dos atributos da bio e da sociodiversidade amazônica, mas muito frequentemente sem prevenir seus nocivos impactos e consequências sobre o meio ambiente e as populações da floresta. O aproveitamento sustentável da biodiversidade amazônica pelas vias e recursos da ciência, nos diversos setores da atividade econômica, ainda constitui significativo desafio ao desenvolvimento regional, imprescindível para reduzir o grau de dependência do modelo Zona Franca.

*Pontes Filho é doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia (UFAM), mestre em Direito Ambiental pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), bacharel em Direito pela Ufam, bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Ufam. Professor, exerce a docência desde 1996. É pesquisador de história da Amazônia e direitos socioculturais na região com livros publicados sobre esses temas, dentre os quais: "Logospirataria na Amazônia", "História do Amazonas", "Vício e criminalidade", "Terceiro ciclo". Professor

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



da Universidade Federal do Amazonas. Servidor público do Estado do Amazonas. Escreve frequentemente artigos para jornais, revistas e veículos eletrônicos de jornalismo.

Periódico: Acritca		Data: 28/03/2019			
		Publicação: 28/03/2019			
Referência da Matéria: Andirá é o mundo		x	Com foto	Sem foto	
Caderno/Página/Coluna Opinião, A4	Enfoque	Natureza		Tipo:	
	Positivo	x	Espontânea	Matéria	Nota Classificados
	Negativo		Provocada	x	
x	Neutro			Outro	

Artigo

Andirá é o Mundo

Poetas, filósofos e pajés têm algo a ver, uns com os outros. Se algum de nós ainda duvidava, a filósofa Neza Teixeira, com a visão dos que sabem sentar à beira do rio e contemplar a vida, deixa tudo claro. Basta ler a segunda edição do seu Para a quem ou para além de nós, para inteirar-se disso.

É de um poeta que tratarei hoje. Dizê-lo importa – exige, até – acrescentar tudo quanto cabe na palavra e no fazer do que lida com a poesia, porque também sabe lidar com a vida. Que é para isso que existe a Poesia; para isso nasceram e se fizeram os poetas. Alguns, tocados pelo sopro que não se sabe exatamente de onde veio, conseguem fazer-se dignos do que há de melhor na sociedade com a qual convivem. Da qual fizeram parte. À qual deram e dão o melhor

José Seráfico

Professora da UFAM e
Articulista de ACRÍTICA
e-mail: jserafico@uoi.com.br



que poderia ser produzido por seu talento, sua sensibilidade, seu compromisso.

Se a carta de Pero Vaz de Caminha terá sido o primeiro texto escrito nas distantes terras transoceânicas, sua importância mesmo assim é menor que a escrita por Tenório Telles, inserta na edição de ontem deste jornal. Melhor homenagem, e mais justa e bela, não poderia ser feita a Thiago de Melo.

Embora ambos, Thiago e Tenório,

ostentem sem soberba as artes de Calpote, nem a carta é reservada ao destinatário, nem seu autor toma o grande festejado de hoje como o confrade que a todos encanta, quando o leem. Como exclusivo destino de suas letras. A ambos também não falta o compromisso com as melhores causas da humanidade. É esse sentido de respeito e amor ao próximo, essa disposição para tecer laços como só os humanos podem fazer, que alimenta e tece a ligação de um com o outro.

Para muito além dos versos que também desempenham a função de traço de união entre eles, há toda uma forma de ver a si mesmos, de ver a sociedade de que são parte, a vida em todas as suas cores e nuances, a fazê-los irmãos, como irmãos se tornam os leitores de Thiago.

Somente sou, quando em verso, disse a voz que se fez poesia, gritando lá das barrancas do

Andirá. Repetiu-as Tenório, nessa bela ode à figura do poeta, para quem importa pouco a escuridão, se há um canto em sua boca. E na boca de quantos sabem e reconhecem a hora de gritar bem alto a sua verdade, porque a beleza não é menos que a substância incontestável, a provar a veracidade – da vida como do mundo, das pessoas e de tudo que cerca o homem. Quando o silêncio ameaça e a luz começa a apagar-se, nada mais oportuno que lembrar o Faz escuro mas eu canto. Mas não só isso. Parceiro das águas, os olhos postos na outra margem do rio, a cabeça posta nos mil males do Mundo, Thiago insiste:

*Navegante, se pretendes conquistar o mar inteiro
há de destruir o sol
negro, negro, negro sol
que gera constante mar.*

O navegante que fez e faz das palavras sua arte e as acomoda em seu jamais triste camarote de navegador, além das esperanças que nele vão, nem por nonagenário perde o sentido da paisagem, a frieza do ambiente, o silêncio que se tenta impor, como se força da natureza. Refiro-me à Silêncio e palavra, editado pela Valer, em 2001, 4ª edição. Mas Thiago não era outro, ali. Ele apenas reafirmava o que dissera na primeira edição da mesma obra, publicada em 1953.

O que lembrar mais, da fértil e vitoriosa obra de Thiago? Minhas lúpas não têm capacidade para agigantar quanto devia essa figura que a gente, toda gente, admira como poeta e ama como ser humano:

*Fica decretado que os homens
Estão livres do jugo da mentira.*

Clipping

ascom
Assessoria de Comunicação da
Universidade Federal do Amazonas



Periódico: Acritica		Data: 28/03/2019					
Referência da Matéria: Amazônia em aquarela		<input checked="" type="checkbox"/> Com foto	<input type="checkbox"/> Sem foto				
Caderno/Página/Coluna Bem viver, BV1	Enfoque		Natureza		Tipo:		
	<input type="checkbox"/> Positivo	<input checked="" type="checkbox"/> Negativo	<input checked="" type="checkbox"/> Espontânea	<input type="checkbox"/> Provocada	<input checked="" type="checkbox"/> Matéria	<input type="checkbox"/> Artigo	<input type="checkbox"/> Nota
	<input checked="" type="checkbox"/> Neutro				<input type="checkbox"/> Outro		<input type="checkbox"/> Classificados

Artista visual ensina técnicas para desenhistas iniciantes e experientes

Amazônia em aquarela

Hadna Abreu realiza oficinas no mês de abril

VAGAS
Inscrições estão abertas e podem ser feitas no site da artista

Anne Loyde / Divulgação

